

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 3 de junho de 1900

Mez, 40 réis; trimestre, 120; Anno, 480

Red. e offic.: Typographia Barcellense

O eclipse

Esse objecto de tantos cuidados, esse assumpto de tanta preocupação, finalmente, esse dia que punha em balanço o nosso desejo e aticava a nossa ansiedade, levou, graças á inolvidavel fineza do nosso amigo Adelio Esteves e sua amavel e obsequiosa esposa, um grupo de alegres excursionistas, ao esplendido local da Franqueira, para o detido exame do eclipse.

Installamo'-nos commodamente no espaçoso convento do Senhor da Fonte da Vida, onde já de vespera tinham sido montados com esculpulo alguns apatelhos de *longo alcance*, como sejam:—

Cinematographo de peixe frito.

Espectroscopio de cabrito.

Oitante de *roast-beef*.

Um telescopio vinocographo.

Chronometros, arroz de forno com salpicão.

Barometros, canja de gallinha.

Thermometros, queijo e outros instrumentos de muita *precisão* com varios *mólkos*.

Como podem presumir os nossos queridos leitores, a attenção dos excursionistas perfeitamente presa no estudo e manejo dos apatelhos, pôde observar que o primeiro contacto se deu aproximadamente ás 11 h. 55' 6" 0,3" da manhã, coincidindo com uns rumores semelhantes aos de dentes batendo uns contra os outros e um glu-glu singular.

O silencio que então reinava tinha o magestoso character de que só a natureza possui o segredo.

Entretanto os instrumentos a que nos referimos, eram disputados com aquella avidéz propria de quem tem *fome* d'estes espectaculos grandiosos.

Efectivamente, ás 2 horas da tarde, observou-se o maximo do contacto, podendo analysar-se *protuberancias* no estomago de alguns convidados.

O interesse subiu de ponto. Estavam todos *satisfeitos*. Algumas sombras ondulantes foram percebidas, porém, insignificantes.

Um dos excursionistas viu, ainda que rapido, algumas sombras sombrias, phenomeno que se apressurou em nos communicar.

Ainda outro, ferido com os raios do disco solar, desejava um recanto de sombra para verifi-

car á sua vontade as diversas phases do eclipse. A estes cavalheiros o registro do nosso agradecimento.

A temperatura subiu alguns graus, sendo contudo deliciosamente suportavel.

As côres que mais se destacavam, eram o amarello das laranjas e o vermelho das cerejas.

Mais alguns minutos começou de verificar-se o ultimo periodo do eclipse.

Findo esse quadro deslumbrante em amenidade e bem estar, que revestia de prazer e alegria os réstos dos convidados, estes, espalharam-se á sombra das vetustas carvalheiras, como que procurando algum *socego* ás tão diversas e innarraveis impressões, que lhes agitava os espiritos e os embalava na doce esperança de a 20 de agosto de 1905 se repetir essa bemaventurada diversão.

Enviamos d'aqui, ao querido amigo Adelio e exm.^a esposa, a expressão do nosso reconhecimento pela gentileza do convite.

P. S.—*Por um incidente sem precedentes, a totalidade dos apatelhos foi completamente destrougala.*

Manuel Mello

Este nosso velho amigo está decididamente sem sorte!

Os leitores da «Lagrima» têm em mente que elle convidou, por occasião do Senhor de Fão, alguns amigos afim de, comsigo, darem um passeio em automobil.

Lembram-se que o carro a vapor só corria nas descidas e nas subidas tinham os passeiantes de sair dos logares e empurral-o.

Recordam-se, tambem, que tendo-se retirado o carro do arraial de Fão, para esta villa, primeiro, muito primeiro que umas doceiras que ali se encontravam, estas ainda vieram a pé agarrar o automobil e ajudar a guardal-o, por obsequio, n'uma casa de S. Martinho de Villa Frescainha!

«E' certo que o carro vinha cheio de gente e as doceiras leves, desembaraçadas.»

*
Volvidos dias, sem o esperarmos, cá estamos nós, de novo, a contas com a pouca sorte do querido Manuel Mello.

A LAGRIMA

O tempo corre de feição para o passeio á aldeia.

Ondeiã as centiaes, cantam as aves, os rios correm mais limpos, o azul é mais ferrete!

¿E volta? Arranjar um carro e ir lavar com ar bem oxigenado as teias de aranha que se ganham n'uma povoação, onde pouco se tem cuidado da hygiene...

Os padres Manuel Esteves, Cunha e Corexas, o Soucasaux e o Mello, combinaram-se, pois, a visitar o seu amigo padre Manuel de Faria Coelho, que pastoreia Encourados.

O Mello saltou para a boleia do carro da familia e, com pericia, poz em movimento o bucephalo.

La fomos, dando, na medida das nossas forças, grande ar de pandigabilidade ao passeio.

A maior parte do caminho passou-se a contar anedoctas.

O Mello, por exemplo, disse esta:

«Um brasileiro-nato eslando ha annos a fazer estação de inverno em Lisboa, frequentava o theatro D. Maria. Viu pela primeira vez representar o nosso Brazão, e fóra tal o enthusiasmo que se appossara de si, que nem esperou para o aclamar no fim do acto da peça, a correr. Levantou-se, bateu palmas e applaudi-o:

—«Brazão: continue ná sua senda di gloria ¿já viu? Panthéon espera você, hein!»

Acabada a estrada de macadam, os *touristes* saíram, para o carro seguir por um caminho velho, mais á vondade, excepto o Mello, que, com phrases amigas, animava o burrico «a prosiguir na sua senda di gloria.»

Os restantes da sucia seguiam atraz, distantes.

Qual, porém, o seu espanto, ouvindo o Mello chamar desesperadamente.

¿Que havia de ser? O carro tinha-se enterado até os eixos, n'um lamiço, e foi preciso que uns visinhos com trancas e cordas, fizessem uma especie de guindaste, afim de o desenterrar...

Estamos a ver que qualquer dia o Manuel enterra a bycicleta na rua Direita, até aos *copos*...

Na celebre questão entre paizanos e militares, havida no nosso jardim publico—questão de que a «Lagrima» só toma conta, no seu devido character alegre, para lhe deitar pimenta e servir-a aos seus assignantes—o sr. major disse, pouco mais ou menos, a um militar, apontando-lhe para o sabre-bayoneta:

—«: Você não sabia espichal os?»

Ora isto fez mossa a muita gente, menos a nós que, defendendo a natural exaltação do sr. official superior, affirmamos ser s. ex.^a apaixonado *pelo-lombo d'espeto*, que cheira á traçicional cosinha portugueza, segundo D. Maria Ama lia Vaz de Carvalho.

(Diremos que, d'esta refrega, saiu fianco o nosso presado assignante Manuel de Faria).

O Praina n'um Seminario

A' primeira vista, lido o título d'esta piada, parece que o symphatico Praina está a seguir a carreira ecclesiastica n'um seminario.

Batina já o Praina usou no tempo que exercia o papel de minorista, quando se despia de seus cuidados e ia, sapatos enfiados n'um pau, taleiga na dextra, por esse concelho fóra, cheirando-lhe, como ás hyenas, a carne morta, para ganhar chorudas collações e os ricos cobres dos defuntos.

Vamos á historia.

A «Lagrima» tem assignantes no Seminario Conciliar, de Braga, e anda ali de mão em mão, como as pombinhas da Catharina.

Conhecem, assim, os seminaristas, tradicionalmente, os personagens que aqui exhibimos alegremente ao publico, e foi ali cair como um bolide, nas graças dos bons rapazes, o typo do nosso Praina e chrismaram com este appellido um pobre minorista.

Gloria, pois, ao Praina, *di lá!*

«Sic itur ad astra!»...

O ex-correspondente da «Voz Publica», por meio de chave falsa, introduziu-se na redacção do «Norte» e, entre banaes noticias de *chegadas e partidas*, chamou-nos timidamente *dentista*...

Isto é. Elle boccalmente, na taberna, entre as 10 e as 11, é que affirmou que aquilo era comnosco, pois na nebulosa piada, não transparecia quem era o alvejado.

Adiante.

Depois, n'um assomo de verdadeiro desespero, disse que se nós o ofendessemos, nos atirava com um rébo!...

Já um critico fino affirmou que para responder, *assim*, a um *sueito* litterario, bastava chamar um gallego de esquina...

Demais o patusco—depois de imbecil, estúpido, ignorante (nunca leu um livro), mal intencionado, é, sobretudo, cobarde.

Na hypothese, porém, de se nos dirigir com *aspecto sinistro*, mettiamos-lhe—á semelhança d'um espirito superior—com um copo d'ammoniaco no buxo...

Um cumulo!

A «Lagrima» que está sempre a favor dos opprimidos, dos humildes, vem aqui levantar o seu solenne e augusto protesto, contra a forma brutal como acaba de ser derramado, pela junta de parochia, o pobre commerciante de peixe Trintareis.

Todos devem ser collectados equitativamente, conforme a justiça das gentes.

A LAGRIMA

Não vemos porisso motivo pelo qual se justifique o pagamento a que é obrigado aquelle sr.

O Pobre Trintareis paga um pataco de derama parochial, e portanto, como vêm, mais do que o que vale.

O Trintareis a pagar um pataco, é um cumulo!

Pedimos, n'este sentido, providencias ao sr. administrador do concelho.

Como é do conhecimento dos nossos estimaveis leitores, «A Lagrima» tem uma feição alegre, beliscando por vezes, e uma feição sentimental e justa, que aprecia e venera.

O Antunes relojoeiro, Manuel Martins Antunes, tem sido aqui já indigitado na secção alegre, porque o seu feição social a isso se presta.

Committamente expansivo e bem humorado, elle tem no seu trato industrial uma technologia propria que o torna pittoresco e galhofeiro.

Para o Martins Antunes *cardenho illustrado* é um aposento mais que regular; *cavalheiro do troco*, individuo de somenos qualidade; *martelladas scientificas*, applicações technicas adequadas á obra; *ferranchos apilarados*, instrumentos do uso em condições mais vantajosas, etc. etc. E' uma synonymia *sui-generis* que o caracteriza e faz popular.

Em occasiões mesmo, no calor da conversa, serve-se d'uma linguagem de uma realidade tão crua que é necessario voltar a pagina.

Este o seu tom faceto.

Nós queremos hoje, porém, «valial-o como artista intelligente e honrado.

O Antunes é de uma tenacidade pouco vulgar para o trabalho. Concebendo elle um objecto, principalmente na arte da seralharia, executa-o por mais tempo que gaste em produi-lo e por mais contrariedades que encontre.

E' preciso fabricar um molde, é necessario,

inventar um instrumento auxiliar, elle fal-o com a maior promptidão como quem está mais que habituado a trabalhar sem ferramenta. Faz-nos lembrar o luzitano abbade Faria nas masmorras do Conde de Monte Christo.

Sempre lhe conhecemos a grande facilidade de execução na sua paixão artistica. Na Exposição Agricola e Pecuaría de Barcellos de 1889 teve elle premio de prata por uma arma com que concorreu, distincta no alto relevo, e toda feita por si, afóra o cano.

Quando se começaram de usar os pulverisadores para a calda bordaleza, fabricou um que tinha o merecimento de ser sua ideação e não copia de qualquer outro. Na sua arte não ha peça de relógio que não execute por difficil e delicada que pareça.

Todavia saiu-se elle ultimamente com um engenhoso producto para o qual chamamos a attenção dos nossos queridos leitores. E' uma bengala que arma em estoque, como se pôde ver da nossa gravura adjuncta.

A primeira figura representa a bengala, fraccionada por commodidade typographica; mas em condições de passeio.

A segunda figura é a bengala em defensiva, exhibindo mediocremente a sua estrutura interna. Por virtude de uma forte impulsão de arremesso, ostenta-se uma *tige* punhal, de aço, medindo $0m,32$ de comprimento e sustentada em posição por cinco molas, que ainda servem para a fazerem descer a uma bainha, evitando a oscillação dentro da bengala, causa de ruido importuno.

Esta bengala é muito leve e de boa apparencia.

«A Lagrima» prestando hoje esta ligeira e devida consideração ao nosso camarada de trabalho, ufana-se por apresentar ao publico um artista na verdadeira accepção da palavra, intelligente e honrado.

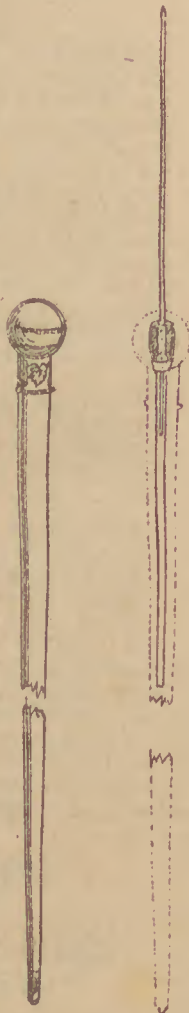
(O desenho é devido ao nosso collega de redacção, João Crystosomo.)

Barcellos está actualmente atulhado de litteratos, querendo até os pintainhos, que mal vêm á luz do dia, dár o seu pio, não se lembrando, os ingenuos, de que ainda estão no chôco.

Correspondente d'«A Patria», João de Souza, idade: 14 annos, marçano n'um estabelecimento de fazendas, rapaz bem comportado, não constando até á data a menor coisa que possa manchar o seu immaculado caracter.

Correspondente d'«A Folha do Povo», Theophilo Martins, idade: 14 annos, marçano no mesmo estabelecimento que o precedente, tem-se sabido impôr á consideração publica pela sua severa conducta de lealdade e honradez.

Correspondente do «Tempo», Armando Si-



A LAGRIMA

mões, idade: 12 annos, rapaz modesto e formoso e o *lajou* das damas barcellenses.

Correspondente do «Dia». Illydio Nunes, idade: 12 annos.

Este um dia escreveu a seu chefe que os rapazes comiam os figos todos do quintal da casa aonde está empregado. *E os rapazes eram*, nem mais nem menos, que elle mesmo, que tomava com os figos verdadeiras indigestões.

Emfim, como observam, isto vae adiantado. Todos elles dão esperanças á familia. Oh! se dão!...

Por occasião dos festejos realizados no Rio de Janeiro pr'a commemoração do quarto centenário da descoberta do Brazil, lia o Joaquim Pégas n'um jornal o programma d'esses festejos n'a quella cidade brasileira.

Em vista, porém, da chuva que n'essa occasião cahia a potes e da ventania que bufava com gana, exclama contristado:

— «Muito bonitos deveriam estar estes festejos se não fosse a chuva, mas este temporal está lá a estas horas a escangalhar tudo.»

Brr...

Um cavalheiro d'esta villa, para quem toda a gente é ignorante, estava ha dias bastante apprehensivo por ter introduzido n'um ouvido um bocado de crayon. Diz-lhe um amigo para o tranquilisar:

— «Isso não vale nada. Eu conheço um sujeito que tem um feijão dentro d'um ouvido e com isso não sofre a menor coisa.»

Observa se-lhe o cavalheiro *enfeijoado*:

— «Mas isso não deve fazer mal, pelo contrario, deve fazer bem, desde que o feijão é alimenticio.»

Boa te vae, Antonio.

Estando o Azevedo e David Caravana na Apulia e tendo ambos bastante familia, disse ao primeiro o Carvalho, dos banhos:—«o sr. e o Davidinho têm uma familia muito *contagiosa*».

Um individuo foi outro dia á repartição de fazenda saber se estava inscripto como burro.

E o facto é que o saloio talvez tenha razão, porque o governo já não lança contribuições ao povo; lança-lhes albardas ás costas; e como estas são do uso exclusivo dos burros...

Um informador, sendo interrogado na repartição de fazenda sobre se uma certa azenha ainda existia, respondeu:

— «Não senhor, está *desmoralizada*».

E talvez, porque os moinhos e azenhas são testemunhas mudas de muita porcarias.

Assignantes

Retiramos o nome da lista dos assignantes, aos individuos que nos estão em debito. A unica reclamação que nos pôem fazer para continuarem a receber a «Lagrima», é pôem-se em conta corrente...

* Remettamos hoje, pela primeira vez, este quinzenario, a alguns cavalheiros, a quem pedimos a fineza de o devolverem, caso não desejem assignal-a.

* Vamos pôr em cobrança uma série de n.ºs em debito. Pedimos aos nossos queridos assignantes, o favor de conservarem os recibos, para evitar duvidas.

Notas diversas

Na pharmacia Cruz uma lavadeira pediu «10 reis de delina preta para tingir de negro.»

* Tambem o Severino n'uma conta dáda a um commerciante, tinha esta parcella: «De trazer uma mudista na mala... 60 reis.»

* O sargento Leão encontrava-se ha dias á porta d'um estabelecimento da rua Barjona de Freitas, com as costas volta las para a rua. Passa n'essa altura um soldado e faz-lhe a continencia respectiva. O Juca, que isto presenciou, perguntou «se seria regulamentar as praças comprimintarem as costas dos seus superiores.»

* Telegrammas da hora da passagem do eclipse por diferentes freguezias do concelho.

Villa Cova, ás 2 e 4 minutos.

Gilmonde, ás 3 e 5

Fornellos, ás 5 e 38.

Remelhe, ás 12 e 10.

Extrangeiro:

Espozende, 9 e 15

Apulia, (ao amanhecer).

Fonte-boa, 4 e 34.

Navaes, 9 e 12.

Povoa, (todo o dia).

* Contando a grande sucia de sujeitos, o Joaquim da Cunha, nas *pancas* em que se viu n'uma *zaragata*, disse: «Eu, eu fugi logo por São Braz abaixo...»

* Recebemos e muito agradecemos o 1.º n.º do «Praina», da Porcalhota. Na 2.ª pagina insere a tres cores a figura d'um general exclamando a celebre phrase: «Capitão é a hora.»

HOJE O DRAMA

Conde de Monte Christo

NO THEATRO POPULAR

É uma das melhores peças do repertorio da Companhia Baptista Machado.